



O lixo jogado nas ruas revela a falta de educação ambiental no dia-a-dia das grandes cidades, como Salvador, prejudicando diretamente a própria população, responsável pela agressão ao meio ambiente

Dia Mundial

Meio ambiente sofre com falta de educação

José Bomfim

Hoje é o Dia Mundial do Meio Ambiente. Inúmeros eventos marcam a data. Governos, entidades oficiais, organizações não-governamentais (ONGs), artistas e cidadãos comuns, ecologistas, militantes ou não, dão demonstrações de que a preocupação pela vida do planeta Terra aumenta à medida em que se aproxima o século XXI. Em Salvador, os principais personagens envolvidos na defesa da ecologia revelam um ponto em comum: a falta de educação de ricos e pobres é o mais forte inimigo do meio ambiente.

Ex-secretário de Meio Ambiente e ex-vereador, Juca Ferreira atualmente é o coordenador executivo na Bahia do Onda Azul, uma ONG nacional. Há uma semana, foi escolhido para integrar a primeira Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável e Agenda XXI, que se reúne na próxima quarta-feira com o presidente Fernando Henrique Cardoso, em Brasília. Para Juca, a irresponsabilidade das pessoas em relação à limpeza da cidade é cultural e histórica. Ele ressalta que viajantes do século XVIII já falavam de pessoas que atiravam dejetos nas vias públicas como se fosse a coisa mais normal do mundo. "A irresponsabilidade é coletiva. Pobres e ricos jogam lixo na rua, dentro de canaletas, nas encostas e depois criticam as autoridades", diz.

Isto não acontece só em Salvador, afirma Juca. Em sua análise, 80% da população brasileira vive nas cidades, que, em sua maioria, apresentam crescimento desordenado, falta de saneamento básico

e coleta de lixo imperfeita. Em suas viagens pelo Brasil, Juca diz ter constatado que a maioria das grandes cidades tem lixo na entrada ou na saída.

O que o ex-secretário diz ecoa em outros setores. A presidente da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), Sônia Fontes, lembra que, paralelamente às ações físicas realizadas nos parques da cidade, a Conder desenvolve campanhas e programas de educação ambiental direcionadas à população. Os resultados positivos já podem ser vistos, principalmente nos parques Metropolitanos de Pituáçu e de Abaeté, onde a comunidade se sente co-participante da recuperação desses locais.

O Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá) ainda lamenta a decisão da Câmara Municipal de não aprovar o Código de Defesa Ambiental de Salvador. Renato Cunha, coordenador executivo do Gambá, acha que a sociedade já incorporou a ideia de que é preciso preservar o meio ambiente, mas ressalva que a cidade necessita de um Código Ambiental há muito tempo.

O secretário Municipal do Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente, Manoel Lorenzo, adianta que a campanha para a comunidade colaborar na limpeza da cidade será intensificada. Além disso, a partir do próximo ano, os estudantes de 1º grau da rede pública de ensino terão no currículo, como disciplina, a educação ambiental. Preservar as áreas verdes e impedir o corte indiscriminado de árvores são as outras ações que o secretário pretende ampliar em sua gestão.



O lançamento de esgotos nos cursos d'água é um dos mais sérios problemas de agressão ambiental

Matas e rios em extinção

E o estado da Bahia, como está em termos de defesa do meio ambiente? Há um consenso de todas as correntes de que a atuação dos órgãos e entidades melhorou. "O Conselho Estadual do Meio Ambiente da Bahia (Cepam) funciona, faz reuniões mensais e está atento às questões de licenciamento", diz Renato Cunha. O Cepam é integrado por representantes do governo e entidades como o Gambá, sendo coordenado pelo secretário Luiz Carneira, titular da Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia (Seplante).

O maior problema enfrentado no estado pela defesa ambiental é no sul, na região cacauzeira, onde o desmatamento provoca também inúmeros problemas sociais. A devastação do que restou da mata atlântica, a monocultura na região oeste (predomínio da soja), destruição de nascentes de rios e o turismo predatório na Chapada Diamantina são outros motivos de mobilização e preocupação do Cepam, CRA, Ibama e grupos ambientalistas.

O Gambá é o mais antigo dos grupos ambientalistas da Bahia. Completou 15 anos em maio e em seu currículo estão registradas ações contra a construção da barragem de Pedra do Cavalo, participação na Eco-92, campanha pelo Abaeté e em defesa dos outros parques, preservação da mata atlântica e luta pela regulamentação do Parque da Chapada Diamantina. Dentre outras atividades, o Gambá participa do Projeto de Recomposição Florestal em Áreas Rurais (Reflorestar), com o objetivo de recompor a mata atlântica, estimulando práticas de utilização sustentada dos recursos naturais, com a participação das comunidades locais.

Sete áreas de preservação

Criado, através do decreto estadual 23.666, no início da década de 70, o Parque Metropolitano de Pituáçu é hoje a menina dos olhos da arquiteta Sônia Fontes, presidente da Conder. Embora tenha perdido cerca de 100 hectares para as invasões de colarinho branco e de pobres, o parque é o melhor, mais bem cuidado e frequentado de Salvador, com seus 450 hectares.

Pituáçu é, de acordo com classificação oficial, uma das sete unidades de conservação da capital baiana. O Gambá, Javier Alfaya e Juca Ferreira advertem que, ainda assim, Salvador não atende ao parâmetro mínimo de quantidade de área verde recomendada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que é de 16 m² por habitante.

As outras seis unidades são o Parque Zoobotânico Getúlio Vargas; o Parque da Cidade Joventino Silva; o Municipal São Bartolomeu; o Histórico Metropolitano de Pirajá; a Área de Proteção Ambiental da Lagoa e

Dunas do Abaeté; e o Parque Municipal Lagoa e Dunas do Abaeté.

Ato para lagoa

Um ato público às margens da Lagoa da Paixão, hoje, às 10 horas, marca o apoio dos ambientalistas de Salvador à luta pela recuperação da área devastada por empresas mineradoras que atuavam ilegalmente no local. Um grupo de crianças vai encenar a peça Um Grito de Paixão. O evento faz parte das comemorações pelos dez anos de existência do Movimento em Defesa do Parque São Bartolomeu-Pirajá.

No Parque da Cidade, de hoje a domingo também tem vasta programação em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente. Nos shoppings também há programação ecológica. No Barra, tem a exposição de aves exóticas Planeta Zô. No Iguatemi, vários artistas plásticos expõem seus trabalhos com tema da natureza.

Problemas crescem com Salvador

Quais são os principais problemas ecológicos de Salvador, além da falta de educação ambiental da população? As ONGs lembram que a cidade tinha 600 mil habitantes no início dos anos 60, hoje tem 2 milhões e 500 mil. O número de veículos aumentou na mesma proporção do crescimento da indústria automobilística. Só ônibus há 2.500. A favelização cresceu, lagoas foram aterradas para dar lugar a espigões e a poluição sonora é um forte fator de estresse.

O vereador Javier Alfaya (PC do B), membro da Comissão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente da Câmara Municipal, considera a falta de saneamento básico o problema ambiental mais sério de Salvador. "Além do mais, com a sujeira das praias, poluídas pelos inúmeros esgotos, as pessoas

estão diariamente expostas ao contágio de doenças, como a hepatite", comenta Alfaya.

A poluição ambiental da capital baiana é consequência da falta de saneamento básico, concorda Manoel Lorenzo, enfatizando, em seguida, que o governo estadual está solucionando este problema com o programa Bahia Azul. "Ao final de quatro anos, 85% de Salvador terá esgotamento sanitário", afirma. Em relação à poluição provocada pelos veículos, Lorenzo afirma que em 1998 a prefeitura vai implantar o Sistema de Transporte de Massa e, depois, inaugurar os ramais específicos para ônibus.

Apesar de tudo, afirma Lorenzo que Salvador não tem grandes problemas ambientais. Em sua opinião, os grandes problemas am-

bientais decorrem da poluição industrial, "que existe no Pólo Petroquímico de Camaçari, mas está sob controle graças aos sistemas Cetrel e Cepar", completa.

"A perspectiva é boa", diz o secretário. Grave ele considera a poluição sonora, lembrando que as queixas são cada vez mais frequentes, a ponto de a prefeitura já ter anunciado a contratação de reforços para o setor. Autor da Lei de Controle da Poluição Sonora, Javier Alfaya diz que a prefeitura avançou nesta questão, mas afirma que o barulho continua incomodando. "Diariamente, chegam reclamações ao meu gabinete, além daquelas publicadas nos jornais", diz.

Áreas verdes

Para Juca Ferreira, só o ar da

cidade não se degenerou, graças às áreas livres e ao vento marinho. Em relação a árvores e áreas verdes, diz o coordenador do Onda Azul, Salvador está abaixo do índice recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Javier Alfaya ressalva que enquanto organismos internacionais recomendam 16 m² de área verde por habitante, Salvador só conta com 4,5 m².

"Há uma concentração muito grande da propriedade da terra, agravada pelo corte sem controle de árvores", critica, questiona a prefeitura sobre o projeto de plantio de meio milhão de mudas de árvores, iniciado na administração passada. Javier Alfaya acha também que a prefeitura e o Detran deveriam atuar conjuntamente para fiscalizar rigidamente os carros que expõem gás carbônico em quantidades não permitidas pela OMS.